

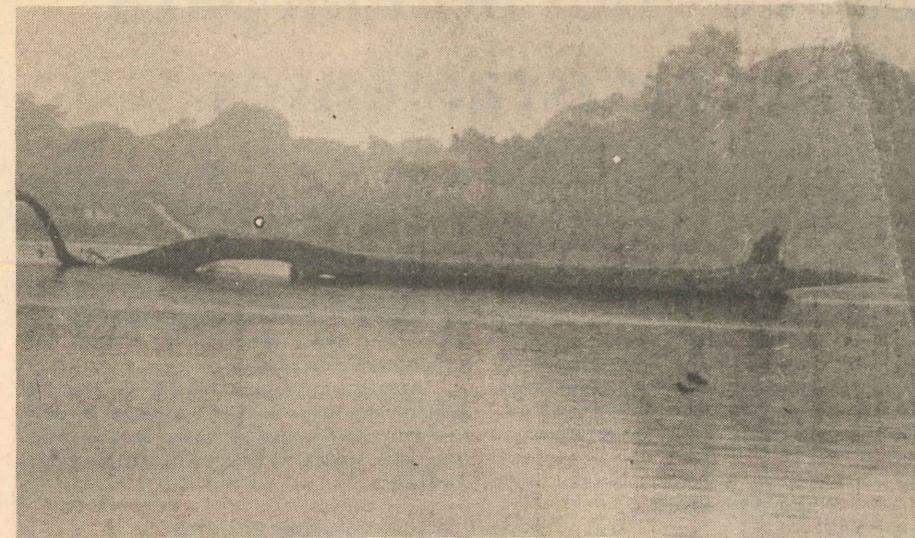
# Rio Doce (final)

Por Pedro Maia  
Fotos de Ailton Lopes

## Dragagem pode reviver o rio



Ao longo das margens, lavadeiras se ocupam da faina diária



Os troncos trazidos pelas enchentes são o principal problema para aqueles que se aventuram a navegar pelo Rio Doce

(Continuação da 1ª página) — O Rio Doce já foi bastante caudaloso como provam os depoimentos de antigos moradores de suas margens e permitia a navegação de vapores até a localidade de "Porto do Tatu" onde aportou o paquete "Rio Doce" em sua primeira viagem sin- grando as águas do rio. Este porto foi en- coberto pelas águas da barragem de Mas- carenhas. Nos nossos dias o volume das águas do Rio é tão reduzido que o diretor do Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Baixo Guandu, Iussil Amin, foi ob- rigado a fazer captação de água para o abastecimento desta cidade, de apenas 30 mil habitantes, no Rio Guandu, afluente do Rio Doce.

Em Colatina, a 66 quilômetros do an- tigo "Porto Final", em direção à foz do rio, a memória dos tempos passados desapareceu na agitação dos seus 100 mil habitantes, ligados ao comércio e à in- dústria, que transformariam a cidade no principal entreposto de abastecimento do Vale do Rio Doce. Ali ainda vive o his- toriador Moacir Costa, que durante muitos anos foi passageiro constante das viagens a vapor pelo rio. Ele conta que depois de 1950, quando o volume d'água começou a tornar impraticável a na- vegabilidade, as antigas "gaiolas", com porões de carga e dependências para primeira e segunda classes, vieram a ter como mortalha o próprio rio, que antes singravam garbosamente.

Os vapores "Juparanã" I, II, e III, todos providos de salões para bailes e jogos durante as viagens, estão enter- rados próximo a Colatina, no leito do rio. Até bem pouco tempo, antes das violentas enxurradas verificadas em 1979, um destes barcos ainda podia ser visto, em destroços, nas margens do rio. Igual des- tino coube ao "Milagre", ao "Tupi" e ao "Tamoio". Eram barcos grandes, com a média de 25 metros de comprimento. Eles subiam o rio trazendo passageiros e voltavam transportando os produtos agrícolas e madeiras extraídos da região.

### DEPREDAÇÃO

De Colatina, e mais tarde de Lin- hares, irradiava-se a depredação da floresta do Rio Doce. Durante muitos

anos Colatina comandou o corte de madeira no norte do rio, que depois pas- saria para Linhares. Os madeireiros, hoje milionários, foram impiedosos com a natureza e exterminaram em poucos anos uma exuberante floresta tropical onde se erguiam árvores com mais de dois sé- culos.

De Lastênio Calmon, historiador per- tencente a tradicional família de Linhares e autor de um importante livro sobre a região, parte a explicação mais completa sobre o Rio Doce:

— Ele foi praticamente inabitável até 1880, apesar de algumas providências tomadas antes pela Coroa, que não pas- saram de pequenas aventuras. Antes des- ta data havia somente os "corpos de pedestres" criados pelo Conde de Lin- hares a fim de proteger a penetração pelo rio em busca de esmeraldas. An- tônio Silva Pontes deu início ao des- bravamento mas os botocudos impunham respeito desde a foz do rio até Minas Gerais e ao sul da Bahia, pelo rio Bel- monte.

— Com as tentativas de penetrações — continua Lastênio Calmon — veio o atrito com os índios. Demonstrando grande habilidade de luta dentro da

floresta eles levariam o Conde de Lin- hares a decretar uma guerra que serviu ainda mais para redobrar a fibra dos botocudos e sua capacidade de luta. Em Linhares, quem primeiro se estabeleceu foi João Felipe Calmon, com seus es- cravos. Colocou um canhão virado para o rio, como ponto avançado para conter as incursões indígenas, várias vezes usado. Até o dia em que os botocudos, num ataque noturno silencioso, inutilizaram aquela peça com pedras e machados. Foram necessários mais de 100 anos para vencê-los. Assim mesmo recorreram a expedientes traiçoeiros como o de fazer alguns aventureiros se aproximarem dos índios para lhes entregar roupas con- taminadas com sarampo. A maior di- ficuldade em atacar os índios era que eles não moravam em aldeias: viviam em grupos de 60 a 200 guerreiros movimen- tando-se sempre pelas florestas, levando mulheres e crianças e atacando dentro do mesmo processo dos modernos guer- rilheiros.

### NAVEGAÇÃO

Segundo o historiador a navegação do Rio Doce, muito ativa a partir dos pri-

meiros anos deste século, foi a principal razão para esgotar o jacarandá das florestas do Espírito Santo, num primeiro ciclo que vai de 1890 a 1910 e depois toda a peroba do médio Rio Doce. Desse período inicial só alguns aventureiros caíram nas boas graças dos índios. O mais importante foi Alexandre Calmon, que chegou a manter relações amorosas com muitas índias e acabou tornando-se pai de um importante cacique botocudo, o Capitão Nazareth. No princípio deste século, em companhia de 600 índios, no aldeamento do Pancas, o Capitão Na- zareth foi vítima de uma suspeita epi- demia de sarampo, que eliminou toda a tribo.

O ciclo da peroba, mais importante pela fatura de árvores, criou postos avançados em vários pontos do rio para recolher as toras que eram transportadas pela correnteza até Regência onde eram embarcadas em navios. Mas a devastação da floresta atingiu o auge a partir de 1950, quando construíram a atual ponte sobre o Rio Doce, em Linhares. A indús- tria madeireira que então se instalou na região não só cortou toda a mata mas também aproveitou toda madeira sem

valor, transformando-a em carvão, causando uma completa calvície na- queles terrenos.

Da antiga fauna que habitava as mar- gens do Rio Doce só existem uns poucos espécimes guardados na Reserva Floresta de Sooretama onde a caça e a pesca são proibidas. Por esta razão, o italiano Elias Lorenzutti, de 65 anos, iniciou há 40 anos o empalhamento das principais es- pécimes da região, que são guardadas em um pequeno museu nos fundos de sua casa, em Linhares. Ali estão mais de mil espécimes empalhados, entre pássaros e animais: — "A floresta do Rio Doce está dentro de minha casa" — afirma Elias — "para que meus netos e bisnetos con- heçam a maravilha que foi isso aqui, antes da destruição imposta pelos homens".

### REGÊNCIA

Junto ao mar, Regência, o último agrupamento humano dos 932 quilô- metros do Rio Doce, vive de pesca. Até o majestoso porto dos áureos tempos da navegação foi tragado pelo rio. Resta um punhado de casas onde vivem cerca de 400 pessoas isoladas de outros centros

pois só se alcança o local por uma pre- cária estrada de chão, mantida pela Petrobrás, que ali faz prospecção à procura de lençóis petrolíferos. Em Regência, mora o pescador Joaquim Cândido da Silva, de quase 80 anos, mas ain- da forte e muito bem disposto. Ele tem amargas recordações dos outros tempos, quando o rio era a principal fonte de renda para as populações ribeirinhas. Durante muito tempo este velho pes- cador trabalhou como jangadeiro de perobas, trazendo os grandes toros amarrados uns aos outros com correntes, pelo rio abaixo até ao mar:

— Eram 12 dias de viagem do Guandu até aqui. Com duas varas de 30 palmos trazíamos as perobas desde Porto Final. Para comer era só encostar numa praia qualquer, na beira do rio, e escolher peixe ou caça. Isso por aí era cheio de pacas, capivaras, antas e de bicho de pena então dava até nojo. Era macuco, jaó, jacupemba e nhambu pra todo lado. No rio bastava jogar um anzol que o peixe estava fisingando. Ou então apanhar os cascudos pelos barrancos. Hoje não tem mais nada disso...

### MISÉRIA

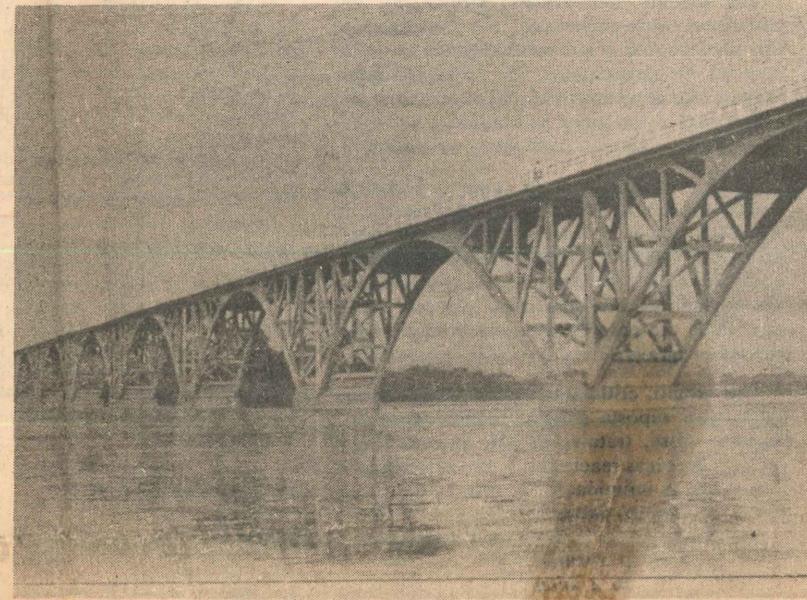
Entre Linhares e Regência existe um outro aglomerado humano chamado Povoação. Ali a vida é miserável e as condições de sobrevivência são muito poucas. A maioria de seus moradores são pescadores e atualmente quase todos trabalham nas muitas fazendas de cacau da região. Mas durante muito tempo Povoação foi um lugar farto onde a vida era fácil. As coisas começaram a ficar diferentes a partir da escassez do peixe no Rio Doce. Os pescadores se viram obrigados a mudar de profissão e a vida se tornou difícil.

Nas margens do Rio Doce, quem não é empregado dos grandes fazendeiros da região não vive bem.

O próprio Rio Doce não está vivendo bem e se providências não forem to- madas seguramente não sobreviverá aos próximos cinquenta anos. Como frisou o jornalista Rogério Medeiros, em repor- tagem publicada no Jornal do Brasil: "o Rio Doce ficou amargo". Trata-se, in- dubitavelmente, de uma triste realidade.



A represa de Mascarenhas interrompe a navegabilidade em tre Baixo Guandu e Colatina



A ponte sobre o Rio Doce em Linhares foi um marco na devastação das florestas da região